

Diplomacia de resultados

Paulo Gadelha
Desembargador Federal do TRF da
5ª Região

É clássico e consabido o conceito de que “a arte da diplomacia consiste em equilibrar pragmatismo e apego a princípios maiores”.

Foi este, de fato, o legado que nos deixou o barão do Rio Branco, o patrono da nossa política externa.

Realmente, quem se dispuser a compulsar os anais do Itamaraty vai chegar a essa evidente ilação.

Há pouco – e ainda crepitam labaredas – o Brasil entrou em rota de colisão com a vizinha República da Bolívia, tendo como pomo de discórdia a presença da Petrobras nos domínios do presidente Evo Morales.

Estranha, pois, a divergência entre os dois países.

Há vínculos históricos plasmando as relações entre os dois povos.

Com a Bolívia, temos a mais larga faixa de fronteira, englobando quatro estados: Acre, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia.

Com a Bolívia, igualmente, firmamos o nosso primeiro tratado diplomático, em 1867.

Depois, nos idos de 1902, quando o governo brasileiro anunciou que iria, sem subterfúgios, denunciar O Tratado de Ayacucho que dera o Acre à Bolívia – que por seu turno passara o então território ao Bolivian Syndicate, uma empresa norte-americana com força, arquétipo e estrutura de poder de soberania – o então arrogante presidente boliviano, general José Manuel Panda, foi pretensioso, afirmando: “Do sul, um exército marchará para o Acre”.

Pelo Brasil, José da Silva Paranhos, o barão do Rio Branco, resoluto e civilizado, responde: “Do norte, um exército marchará para o Acre. Mas, até que chegue, há tempo para negociar”.

Com esta posição, surgia a chamada diplomacia de resultados; com este comportamento adulto, conseqüente, pragmático, nacionalista, nascia O Tratado de Petrópolis, em 1903.

Pelos dispositivos daquele documento, o Brasil comprava o Acre à Bolívia por 2.5 milhões de libras esterlinas, além de indenizar, em 600 mil libras esterlinas, ao Bolivian Syndicate.

Com esta transação, o Brasil incorporou 191 mil quilômetros quadrados ao seu território, entregando ao governo boliviano 2.296 quilômetros quadrados, área do estado do Mato Grosso.

Agora, quando são inamistosas, momentaneamente, as relações Brasil-Bolívia, urge que se recorra às lições do Barão, para, usando os bons ofícios, sem abdicar do poder, que é um meio diplomático, possam as chancelarias entender-se para resolverem o impasse da questão Petrobras, no respeito aos postulados de que *pacta sunt servanda*.

Sem bravatas, porém, com dignidade.

Como o exige a norma internacional.